



## Vinculação e problemas de comportamento avaliados por crianças e pais

### Attachment and problems behaviors assessed by children and parents

Teresa Sousa Machado, Carine Diogo, José Pacheco Miguel, José Tomás da Silva  
Universidade de Coimbra

#### Resumo

A teoria da vinculação, uma das mais consistentes teorias do desenvolvimento psicossocial e da personalidade, salienta a importância das relações precoces na estruturação do *self*, e conceção dos outros. O presente estudo analisa relações entre vinculação aos pais e problemas de comportamento reportados por 258 crianças (9-12 anos) e seus pais. O *Inventário de Vinculação aos Pais e Pares* e o *Questionário de Forças e Dificuldades* foram utilizados. Dimensões seguras da vinculação – “Comunicação-proximidade” e “Aceitação mútua-compreensão”) correlacionam negativamente com problemas internalizados, e “Afastamento-rejeição” positivamente com problemas in/externalizados. Os rapazes reportam mais problemas exteriorizados, e a hiperatividade é o comportamento mais reportado por crianças e seus pais.

*Palavras chave:* vinculação, comportamentos de externalização/internalização, SDQ, IPPA-R.

#### Abstract

Attachment theory, one of the most consistent psychosocial and personality developmental theories, has reinforced the role of early relationships in structuring the self, and representations of others. This study assesses relations between attachment to parents and behaviour problems reported by 258 children (9-12 years), and their parents. *Inventory of Parent and Peer Attachment* and *Strengths and Difficulties Questionnaire* were used. Secure attachment dimensions – “Communication-proximity”, and “Mutual-acceptance” correlates negatively with internalized behaviours, and “Alienation” correlates positively with in/externalized problems. Boys reported more frequent externalizing problems, and hyperactivity is the most reported problem by children and parents.

*Keywords:* attachment, externalized problems, internalized problems, SDQ, IPPA-R.

A teoria da vinculação, elaborada por Bowlby e Ainsworth, inspirando-se, entre outros, no contributo da etologia (van der Horst, van der Veer, & Izendoorn, 2007), mostra a pertinência da observação minuciosa dos comportamentos em meio natural, permitindo captar as suas funcionalidades adaptativas (e.g., o afastamento da criança perante uma mãe rejeitante). O interesse de Bowlby por esta ciência derivou da constatação desta apresentar uma nova forma de pensar sobre a *natureza e funções* dos laços afetivos entre criança e cuidadores. Ao observar o comportamento de

quarenta e quatro jovens ladrões, Bowlby reparou que a maioria deles tinha um passado de problemas relacionais (e de abandono) na infância (van der Horst, van der Veer, & van Ijzendoorn, 2013). Por outro lado, a análise de questões clínicas associadas aos efeitos nefastos de separações, perdas ou negligência nos cuidados maternos, mostrara-lhe o papel fundamental das relações primárias no desenvolvimento do sujeito (Newcombe & Lerner, 1982; van der Horst, 2011). E também as observações naturalistas de Bowlby e Robertson, nos anos 1950, reforçaram anteriores sugestões de Spitz (nos anos 1940), quando este documenta as reações de “hospitalismo” e “depressão anaclítica” em crianças pequenas institucionalizadas (Rosmalen, van der Horst, & van der Veer, 2012). A explicação das reações observadas por Spitz é atribuída à ausência da figura materna, i.e., “à perda do objeto de amor”; sendo que Harlow, testará essa interpretação com experiências de separação-privação com bebés macacos rhesus (van der Horst & van der Veer, 2008). Observações que viriam a ser confirmadas ao longo do tempo, dando suporte à conceção da vinculação como *necessidade básica* (e não derivada da satisfação oral); não obstante a posição ter sido recebida com hostilidade por académicos e psicanalistas (Rutter & Stevenson, 2008). A depressão justificar-se-ia pela focalização excessiva em preocupações interpessoais, como hipersensibilidade à rejeição, perpetuando medos de abandono (Reis & Grenyer, 2002). Entretanto, a aceitação da ideia de que criança pequena pode experimentar o *luto*, justificada com a observação das fases por que este passa, deram o suporte factual para confirmar o sofrimento inerente à privação abrupta, e sem explicação, da sua mãe (van der Horst & van der Veer, 2009). Os dados naturalistas de Harlow, e a teoria da segurança de Blatz, reforçam, em novas situações, as implicações atribuídas à necessidade primária do vínculo, e à sua qualidade (Rosmalen, van der Horst, & van der Veer, 2012). O conhecimento dos estudos destes autores terá contribuído para que a formação psicanalítica de Bowlby, nomeadamente as influências de Klein e Rivière (suas supervisoras na *análise*), não o tenham levado a subalternizar o papel das “experiências reais” da vida, evitando o resvalar para o *primado* da *fantasia*. Pelo contrário, o “sentido da realidade”, fortalecido por um ano de voluntariado que o autor fez em duas escolas para crianças “desajustadas” (a *Bedales*

e a *Priory Gate*), despertara-o para a importância do papel das experiências familiares *atuais* (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Follan & Minnis, 2009; van der Horst, 2011). Já anteriormente, entre 1937 e 1940, na *London Child Guidance Clinic*, Bowlby afirmara a tese de que os problemas de comportamento das crianças são fruto de experiências (reais) adversas na família. No *Tavistock Institute*, observa o efeito negativo das separações forçadas das crianças evacuadas para o campo durante a II Grande Guerra, insistindo na importância das experiências de vida, e sugerindo que os seus efeitos dependem do modo (in)adaptativo de lidar luto, neste caso, o *luto da separação* (Bowlby, 1973), que influirá no desenvolvimento da personalidade (Newcombe & Lerner, 1982). Já na época se questionara a “adequação” das evacuações de crianças pequenas, em momentos tão stressantes, tendo Anna Freud e Dorothy Burlingham publicado vários textos sobre o tema, bem como sobre o efeito da ausência de uma figura de vinculação adulta (Bowlby, 1958; van der Host & van der Veer, 2009).

As investigações contemporâneas reforçam a importância da criação de um vínculo precoce, desencadeado, também, pelos comportamentos do bebé que se orienta para a mãe, identificando-a muito cedo pelo odor e voz, num processo provável (inicialmente) de condicionamento operante (Sullivan, Perry, Sloan, Kleinhaus, & Burtchen, 2011). A construção do vínculo, mediada pelas respostas *sensíveis* dos cuidadores, tranquilizará as inquietudes da criança, levando a que esta, numa primeira instância (e sem que ela própria o possa mentalizar), interiorize que o “sofrimento” (i.e., a dor) tem resolução, pois que a sua “mãe” pôde sossegá-la. Pelo contrário, as separações abruptas e não explicáveis mostraram, com Robertson e Spitz, os efeitos nefastos da privação relacional (Soares, et al., 2014; van der Horst, & van der Veer, 2008; Rosmalen, van der Horst, & van der Veer, 2012), já descritos por Levy em 1937, em crianças adotadas (Lowenstein, 2010).

Ao longo do desenvolvimento, novas figuras podem cumprir o papel vincutivo; mas as probabilidades de criar novos laços seguros são mais elevadas para os que construíram representações *seguras* de *si* (mereço ser bem tratado) e dos *outros* (tereí em quem me apoiar quando necessário) (Thompson, 2000). Mas, embora as experiências precoces de vinculação sejam importantes, elas podem ser transformadas por experiências posteriores (Allen, McElhaney, Kuperminc, & Jold, 2004; Fraley, 2002), sendo que a estabilidade da sua qualidade depende também da estabilidade das condições de vida, como sugerem observações de que a *segurança* nos primogénitos tende a decrescer significativamente quando nasce um novo bebé; ou que a segurança está associada a variáveis diversas, como a harmonia matrimonial, recursos financeiros, características do bebé, entre outras (Cooper, Masi, & Vick, 2009; Thompson, 2000). Por outro lado, adoções de crianças de orfanatos da Roménia, confirmam o efeito positivo do adequado funcionamento familiar no desenvolvimento cognitivo e social (Rutter, 2004), mostrando a possibilidade de recuperação de problemas

de comportamento e/ou atrasos no desenvolvimento, devidos a carências relacionais; sendo que o tempo (prolongado) de institucionalização é, de longe, o maior preditor para os resultados cognitivos mais fracos, confirmando os efeitos nefastos da ausência de cuidados significativos. Para além destas variáveis, as representações construídas na infância (i.e., os modelos operantes internos do *self* e relações) serão atualizados, não apenas por eventuais alterações nas condições de vida, como pela *revisão* de representações passadas, (re)interpretadas agora à luz de novas competências cognitivas, como a “teoria da mente”, e, mais tarde, pelo acesso ao pensamento formal (Machado, 2003), que permite novas formas de reanalisar experiências anteriores (Arranz, Artamedi, Olabarrieta, & Martín, 2002). Porém, os padrões inseguros de vinculação podem desencadear mecanismos *defensivos* que induzem exclusões de informação, e/ou incapacidade para integrar diferentes tipos de informação acerca das experiências vincutivas (Al-Yagon, Kopelman-Rubin, Klomek, & Mikulincer, 2016; de vries, Hovee, Stams, & Asscher, 2016), num processo que “alivia o *self* da culpa, e do autoconceito negativo” (de vries et al., 2016). Como as vinculações inseguras levam a maior relutância em partilhar experiências com os pais, menor monitorização, e menor comunhão de vivências, o afastamento/rejeição torna-se, para esses, mais provável, mesmo que os próprios (i.e., filhos e pais) não se apercebam *a priori*. Acresce que crianças e adolescentes com níveis elevados de ansiedade, ou evitamento nas relações de vinculação, apresentam estratégias de *coping* menos efetivas para regular os afetos e/ou lidar a proximidade e suporte de outros (Mikulincer & Shaver, 2013); sendo que os que apresentam padrões inseguros estão em maior risco de problemas psicológicos (Follan & Minnis, 2009), manifestados frequentemente em comportamentos de externalização ou internalização (Thompson, Lewis, & Calkins, 2008). Também as características temperamentais influenciam as relações com os pais, sugerindo os estudos mais conflitos com cuidadores nas crianças com temperamento lento, ou difícil (Hong & Park, 2012); porém, poderíamos questionar-nos se esse “temperamento difícil” será (sempre) constitucional, ou ambiental (Rispoli, et al., 2013). Estudos de relações entre a responsividade parental, negatividade, suporte emocional, segurança na vinculação e temperamento, mostram uma trama complexa de inter-relações dessas variáveis (Wang, Cox, Mills-Koonce, & Snyder, 2015). Enfim, se a posição etológica das interpretações de Bowlby – quando defende a influência das experiências reais de vida – colidem com outros (como Spitz ou Winnicott), o facto é que essa mesma posição se torna ponto-chave da teoria da vinculação, reforçando-a pelo facto de aceitar o efeito das relações significativas, e do ambiente económico-social sobre as dinâmicas familiares. A *Academia Americana de Pediatria*, em 2012, perante o pico de constrangimentos sociais e económicos vividos nos EUA, na época, destacou a necessidade de “produzir uma população adulta educada e saudável, com suficientes capacidades para participar eficazmente na economia global”, sendo que o cerne desse

investimento se deveria dirigir à educação das crianças de idade pré-escolar, no sentido de reduzir adversidades ambientais. Os autores salientam que, se é verdade que o combate a doenças infecciosas na infância está presentemente controlado, protegendo o desenvolvimento ulterior; pelo contrário, os problemas comportamentais e dificuldades familiares tornaram-se as “novas morbidades” (Shonkoff, et al., 2012), reforçando estudos de Farrington (2005), sobre o efeito do ambiente familiar (padrões parentais de crueldade, negligência, e disciplina severa) nos problemas de (in)externalização. Os problemas de comportamento nas crianças, para além de casos de incapacidade de regulação (por ausência de modelação prévia) funcionam, numa primeira instância, como *defesa* contra a angústia; tornando-se patogénicos se mantidos ao longo do desenvolvimento. Como referem Mikulincer e Shaver (2007), os que apresentam elevada ansiedade na vinculação tendem a adotar “estratégias hiperactivadas de vinculação”, no intuito de conseguirem maior proximidade, suporte e amor, combinadas, com a falta de confiança de que tal será conseguido. Tais estratégias são, porém, disfuncionais pela sobrecarga que colocam aos cuidadores. Continua atual a necessidade de estudar as influências entre vinculação aos pais e a emergência de problemas de comportamentos em crianças e adolescentes; admitindo a influência de novos *stressores* (e.g., atos de terrorismo, ou racismo, minando a confiança interna de todos). Os problemas de comportamento são sinais de alerta (pedidos de ajuda) da parte dos jovens, mesmo que estes não o façam de modo consciente (Muris, 2011; Muris & Ollendick, 2005).

### Método

#### Participantes

A amostra é composta por 258 pré-adolescentes de ambos os sexos, 134 raparigas (51.9%) e 124 rapazes (48.1%). A idade varia entre os 9 e 12 anos ( $M = 10.34$ ,  $DP = 0.88$ ). Relativamente à escolaridade, 24.4% frequentava o 4º ano, 45.0% o 5º ano, e 30.6% o 6º ano; todos eles do ensino público do distrito de Castelo Branco. Não foram incluídos alunos referenciados com necessidades educativas especiais. A escolaridade dos pais reparte-se maioritariamente pelos níveis do ensino secundário ( $n = 108$ , 41.9%) e superior ( $n = 70$ , 27.1%).

#### Instrumentos

Questionário papel e lápis para recolha de informação sócio demográfica dos alunos e pais (sexo, ano escolaridade, Questionário de Vinculação, e o Questionário de Capacidades e Dificuldades.

#### Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA-R)

O IPPA-R foi desenvolvido por Armsden e Greenberg, em 1987, com intuito de avaliar a percepção positiva/negativa do jovem em relação à dimensão afetiva-cognitiva da relação com os pais e pares; tendo sido traduzido e adaptado para português por Figueiredo e Machado (2008), sendo esta versão composta por 25 itens; repartidos por três dimensões (*Comunicação e*

*proximidade afetiva, Aceitação mútua-compreensão e Afastamento-rejeição* (Gullonne & Robinson, 2005; Machado & Figueiredo, 2010). As respostas são cotadas numa escala tipo Likert de 5 pontos (de “Nunca verdadeira” a “Sempre verdadeira”). Valores mais elevados no score total do IPPA-R (Comunicação [+] Confiança [-] Afastamento) indicam representações mais seguras de vinculação.

#### Questionário Capacidades e Dificuldades (SDQ)

O SDQ foi desenvolvido por Goodman (1997), e traduzido para a população portuguesa por Fonseca, Loureiro, Gaspar e Fleitlich, para avaliar as capacidades e dificuldades em crianças e adolescentes (reportadas pelos próprios, pais, e professores; numa cotação de 0 = “Não é verdade”, 1 = “É um pouco verdade”, 2 = “É muito verdade”). O questionário é composto por 25 questões, distribuídas por cinco dimensões (“sintomas emocionais”, “problemas de comportamento”, “hiperatividade”, “problemas de relacionamento com colegas”, e comportamento pró-social, este último não utilizado neste estudo) (Goodman, et al., 1998).

### Resultados

Após a verificação das propriedades psicométricas dos instrumentos, efetuaram-se análises com o coeficiente de correlação *r de Pearson*, para verificar as associações entre as dimensões da vinculação aos pais e os problemas de comportamento reportados pelos pré-adolescentes.

Tabela 1.

*Correlações entre dimensões do IPPA-R e dimensões SDQ*

IPPA-R	Problemas Interi.	Problemas Extern.
Comunic-Proxi.	-.269**	-.447**
Aceitação-Compr.	-.244**	-.414**
Afastamento-Rejei.	.259**	.329**

\*\*  $p < 0.01$

As dimensões “Comunicação-proximidade afetiva” e “Aceitação mútua-Compreensão”, mostram associações negativas significativas com os problemas de comportamento e o “Afastamento-rejeição” associa-se positiva e significativamente aos comportamentos externalizados e internalizados. Analisaram-se ainda as relações entre a percepção dos pré-adolescentes sobre problemas de comportamento e a percepção dos seus pais sobre os mesmos (Tabela 2.)

Tabela 2.  
Correlações entre avaliação de problemas interiorizados e exteriorizados avaliados pelos pré-adolescentes e pais

SDQ (pais)			
SDQ (adoles.)	Probl. Interiz.	Probl. Exterioz.	Total Dificuldades
Prob. Interi.	.465**	.280**	.422**
Prob. Exteri.	.166**	.535**	.432**
Total Dific.	.375**	.495**	.516**

\*\*  $p < 0.01$

### Discussão

O presente estudo atualiza dados que justificam a importância das relações significativas no desenvolvimento de problemas de comportamento em pré-adolescentes, sejam eles comportamentos de expressão interiorizada ou exteriorizada. Confirma-se, em novas gerações, o efeito negativo de vinculações inseguras aos pais – operacionalizadas aqui por menores valores nas dimensões “Confiança-proximidade afetiva” e “Comunicação” com aos pais, e maior percepção de “Rejeição” da parte dos pais. Representações negativas das relações com os pais conduzem a expectativas de que não poderão contar com eles para a resolução das suas angústias, propiciando, por seu turno, representações negativas de si próprio (como não merecendo ser apoiado, ou compreendido pelas figuras significativas); exprimindo-se esse mal-estar, eventualmente, por perturbações externalizadas e/ou internalizadas, consoante o sujeito (Al-Yagon, Kopelman-Rubin, Klomek, & Mikulincer, 2016; Follan & Minnis, 2009; de Vries, Hovee, Stams, & Asscher).

Um dado interessante neste estudo foi a constatação do acordo entre a percepção dos problemas de comportamento reportados pelos pré-adolescentes e a percepção dos seus pais sobre esses mesmos comportamentos – concordância expressa nas correlações significativas encontradas entre avaliações dos filhos, e avaliações dos pais sobre a magnitude dos problemas de comportamento. A idade dos sujeitos (9-12) poderá justificar a sintonia nesta avaliação, tendo em conta interpretações que reforçam que a vinculação no período de desenvolvimento do meio da infância se dirige prioritariamente aos adultos cuidadores; e só na adolescência emergirá *verdadeiramente* a vinculação a pessoas externas à família, como os pares (Allen & Land, 1999; Gorrese & Ruggieri, 2012; Kerns, Schlegelmilch, Morgan, & Abraham, 2004; Nickerson & Nagle, 2005).

### Referências

Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341

Al-Yagon, M., Kopelman-Rubin, D., Klomek, A., & Mikulincer, M. (2016). Four-model approach to adolescent-parent attachment relationships and adolescents' loneliness, school belonging, and teacher

appraisal. *Personal Relationships*, 1-17. <http://dx.doi.org/10.1111/pere.12116>

Allen, J. P., McElhaney, K. B., Kuperminc, G. P., & Jodl, K. M. (2004). Stability and change in attachment security across adolescence. *Child Development*, 75(6), 1792-1805. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00817.x>

Arranz, E., Artamendi, J., Olabarrieta, F., & Martín, J. (2002). Family context and theory of mind development. *Early Child Development and Care*, 172(1), 9-22. <http://dx.doi.org/10.1080/03004430290000708>

Bretherton, I. (1991). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.

Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. Reprinted from: *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.

Bowlby, J. (1973/1998). *Separação – angústia e raiva*. São Paulo: Martins Fontes.

Cooper, J. L., Masi, R., & Vick, J. (2009). Social-emotional development in early childhood – What every policymaker should know. N.Y: National Center for Children in Poverty.

De Vries, S. L. A., Hovee, M., Stams, J. J., & Asscher (2016). Adolescent-parent attachment and externalizing behavior: The mediating role of individual and social factors. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 44, 283-294. <http://dx.doi.org/doi:10.1007/s10802-015-9999-5>

Farrington, D. P. (2005). Childhood origins of antisocial behavior. *Clinical Psychology and Psychotherapy* 12, 177-190. <http://dx.doi.org/10.1002/cpp.448>.

Follan, M. & Minnis, H. (2009). Forty-four juvenile thieves revisited: from Bowlby to reactive attachment disorder. *Child: Care health and development*, 36(5), 639-645. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2214.2009.01048.x>

Fraley, R. C. (2002). Attachment stability from infancy to adulthood: Meta analysis and dynamic modeling of developmental mechanisms. *Personality and Social Psychology Review*, 6(2), 123-151. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2214.2009.01048.x>

Goodman, R., Meltzer, H., & Bailey, V. (1998). The strengths and difficulties questionnaire: A pilot study on the validity of the self-report version. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 7(3), 125-130.

Gorrese, A. & Ruggieri, R. (2012). Peer attachment: A Meta-analytic review of gender and age differences and associations with parent attachment. *Journal of Youth Adolescence*, 41, 650-672. <http://dx.doi.org/10.1007/s10964-012-9759-6>

Gullone, E. & Robinson, K. (2005). The Inventory of Parent and Peer Attachment revised (IPPA-R) for children: a psychometric investigation. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 12, 67-79. <http://dx.doi.org/10.1002/cpp.433>

Hong, Y. R. & Park, J. S. (2012). Impact of attachment, temperament and parenting on human development. *Korean Journal of Pediatrics*, 55(12), 449-454. <http://dx.doi.org/10.3345/kjp.2012.55.12.449>

- Kerns, K. A., Schlegelmilch, Morgan, & Abraham (2004). Assessing attachment in middle childhood. In K. Kerns & A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood*. New York: Guilford Press.
- Lowenstein, L. F. (2010). Attachment theory and parental alienation. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51, 157-168. <http://dx.doi.org/10.1080/10502551003597808>
- Machado, T. S. (2003). Raciocínio operatório formal: O que se mantém da original definição piagetiana? *Psychologica*, 32, 147-169.
- Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime. Da infância à idade adulta* (pp.291-321). Coimbra: Almedina.
- Machado, T. S. & Figueiredo, T. (2010). Vinculação a pais, pares e professores – estudos com o IPPA-R para crianças do ensino básico. *Psychologica*, 53, 27-45.
- Mikulincer, M. & Shaver, P. R. (2007). Boosting attachment to promote mental health, prosocial values, and inter-group tolerance. *Psychological Inquiry*, 18(3), 139-156. <http://dx.doi.org/10.1080/10478400701512646>
- Mikulincer, M. & Shaver, P. R. (2013). Attachment orientations and meaning in life. In J. A. Hicks & C. Routledge (Eds.), *The experience of meaning in life: Classical perspectives, emerging themes, and controversies*, chap. 22, Springer Business Media Dordrecht. [http://dx.doi.org/10.1007/978-94-007-6527-6\\_22](http://dx.doi.org/10.1007/978-94-007-6527-6_22)
- Muris, P. (2011). Further insights in the etiology of fear, anxiety and their disorders in children and adolescents: The partial fulfillment of a prophecy. *Journal of Child and Family Studies*, 20(2), 133-134. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-011-9446-3>.
- Muris, P., & Ollendick, T. H. (2005). The role of temperament in the etiology of child psychopathology. *Clinical Child Family Psychology Review*, 8(4), 271-289. <http://dx.doi.org/10.1007/s10567-005-8809-y>
- Nockerson, A. B. & Nagle, R. J. (2005). Parent and peer attachment in middle childhood and early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 25(2), 223-249. <http://dx.doi.org/10.1177/0272431604274174>
- Reis, S., & Grenyer, B. F. S. (2002). Pathways to anaclitic and introjective depression. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 75, 445-459. <http://dx.doi.org/10.1348/147608302321151934>.
- Rispoli, K. P., McGoey, K. E., Koziol, N. A., & Schreiber, J. B. (2013). The relation of parenting, child temperament, and attachment security in early childhood to social competence at school entry. *Journal of School Psychology*, 5, 643-658. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jsp.2013.05.007>
- Rosmalen, L. V., van der Horst, F. C. P., & van der Veer, R. (2012). Of monkeys and men: Spitz and Harlow on the consequences of maternal deprivation. *Attachment and Human Development*, 14(4), 425-437. <http://dx.doi.org/10.1080/14616734.2012.691658>
- Rutter, M., O'Connor, T. G., and the English and Romanian Adoptees (ERA) study team (2004). Are there biological programming effects for psychological development? Findings from a study of Romanian adoptees. *Developmental Psychology*, 40(1), 81-94. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.40.1.81>
- Rutter, M., & Stevenson, J. (2008). Developments in child and adolescent psychiatry over the last 50 years. In M. Rutter et al. (Ed.), *Rutter's Child and Adolescent Psychiatry*, 5<sup>a</sup> ed., Wiley-Blackwell.
- Shonkoff, J. P., Garner, A. S., et al. (2012). The lifelong effects of early childhood adversities and toxic stress. [pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2011-2663](http://pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2011-2663).
- Soares, I. et al. (2014). Does early family risk and current quality of care predict indiscriminate social behaviour in institutionalized Portuguese children? *Attachment & Human Development*, 16(2), 137-148. <http://dx.doi.org/10.1080/14616734.2013.869237>
- Sroufe, A. (2007). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4), 349-367. <http://dx.doi.org/10.1080/14616730500365928>.
- Sullivam, R., Perry, R., Sloan, A., Kleinhaus, K. (2011). Infant bonding and attachment to the caregiver: Insights from basic and clinical science. *Clinical Perinatology*, 38(4), 643-655. <http://dx.doi.org/10.1016/j.clp.2011.08.011>.
- Thompson, R. A., Lewis, M. D., & Calkins, S. D. (2008). Reassessing emotion regulation. *Child Development Perspectives*, 2(3), 124-131. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1750-8606.2008.00054.x>
- Wang, F., Cox, M. J., Mills-Koonce, R., & Snyder, P. (2015). Parental behaviors and beliefs, child temperament, and attachment disorganization. *Family Relations*, 64(2), 191-204. <http://dx.doi.org/10.1111/fare.12120>
- van der Horst, F. C. P., (2011). *From psychoanalysis to ethology*. Chichester: Wiley-Blackwell.
- van der Horst, F. C. P. & van der Veer, R. (2008). Loneliness in infancy: Harry Harlow, John Bowlby, and issues on separation. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 42(4), 325-335. <http://dx.doi.org/10.1007/s12124-008-9071-x>
- van der Horst, F. C. P. & van der Veer, R. (2009). Changing attitudes towards the care of children in hospital: a new assessment of the influence of the work of Bowlby and Robertson in the UK, 1940-1970. *Attachment & Human Development*, 11(2), 119-142. <http://dx.doi.org/10.1080/14616730802503655>.
- van der Horst, F. C. P., van der Veer, R., & van Ijendoorn, M. H. (2013). John Bowlby and ethology: An annotated interview with Robert Hinde. *Attachment & Human Development*, 9(4), 321-335. <http://dx.doi.org/10.1080/14616730601149809>